

ALÉM DE PALAVRAS E IMAGENS: VERSOS QUE EVOCAM À ANCESTRALIDADE INDÍGENA

Ivanildo da Silva Santos ¹

RESUMO

A literatura é um instrumento de humanização, cuja maior contribuição reside na capacidade de convidar os leitores para o campo da significação do mundo, no entanto, sem deixá-lo de descobrir incertezas e equívocos dos discursos que o permeiam na sociedade e na vida. Sendo assim, a literatura de autores contemporâneos indígenas se estabelece como contradiscurso de séculos de silenciamento e exclusão, convocando seus leitores a repensar o lugar dado ao “índio” na literatura brasileira e na sociedade. O incentivo à leitura de textos literários indígenas desafia professores e alunos a entender, debater e interpretar as especificidades dos povos originários. Partindo desta premissa, o presente trabalho sugere uma abordagem pedagógica que sirva de introdução ao ensino da poesia de autoria indígena em sala de aula. Como roteiro proposto, tentamos aliar o diálogo entre a leitura de poemas e o grafismo indígena. Destarte, nos propusemos a leitura dos poemas *Fora do Tempo* (2016), de Renata Tupinambá, e *Tempo Quebrado* (1997), de Kanátyo Pataxó. Utilizaremos como arcabouço teórico os estudos sobre a autoria indígena de Janice Thiél (2012), Graça Graúna (2013) e Santos (2017).

Palavras-chave: Poesia, autoria Feminina, Sala de Aula.

INTRODUÇÃO

A literatura é um direito humano e, essencialmente, instrumento de humanização e emancipação dos sujeitos. Vale ressaltar, que o direito é uma criação humana, ou seja, o seu juízo de valor se deriva, justamente, daquele que o criou, cujo desenvolvimento a partir do discurso dominante ou contestador. No ensaio *Direito à literatura* (1995), o crítico literário Antonio Candido, enfatiza que é preciso reconhecer que aquilo que consideramos indispensável para nós também é também indispensável para o próximo (Candido, 1995). Assim, é comum considerarmos que todos tenham direitos a certos bens fundamentais, mas inusitado estendermos todos os nossos direitos ao próximo.

A literatura indígena é cercada de desconhecimento, visto que ao longo dos séculos os significantes culturais das nações indígenas nas Américas foram foclorizados pelo discurso imperialista dos colonizadores. Consequente, a literatura

¹ UFPB/PPGL - Doutorando do Curso de Letras – Língua Portuguesa da Universidade Federal da Paraíba-UFPB, Ivanildo.Santos@academico.ufpb.br

produzida por representantes dos povos originários corresponde à “libertação” do pensamento do colonizador. Nesses moldes, podemos observar que os valores e crenças do colonizador criaram no imaginário popular um menosprezo pelos saberes, costumes, religiosidade e pluralidade linguística dos primeiros povos.

Dessa forma, os diversos equívocos aprendidos nos livros didáticos tendem à representação dos povos indígenas como seres estranhos e desprovidos de qualquer conhecimento. Todavia, as manifestações de arte indígena atestam para existência de uma cosmovisão nativa, auto-suficiente e capaz de nomear a si e a cultura de cada povo originário.

METODOLOGIA

Na perspectiva teórica, este trabalho está respaldado em autores das áreas das Letras e Literatura, cultura indígenas, sociais, educacionais e afins, como por exemplo: Candido (1995), Thiel (2012), Grauna (2013), Santos (2022), entre outros.

Este estudo é de cunho qualitativo, visto que a compreensão e interpretação dos fenômenos e a atribuição de significados são requisitos básicos nesse tipo de pesquisa. Isso porque, dentre outras razões, um estudo qualitativo promove a adaptação ao ambiente natural, a fonte para a coleta de dados necessários, entre outras. Nesse aspecto, portanto, o pesquisador torna-se o instrumento-chave para esmiuçar, analisar e tirar interpretações dos dados que ele obtém no decorrer do trabalho.

Para isso, fez-se necessário desenvolver uma pesquisa bibliográfica, visto que Segundo Gil (2002), uma pesquisa bibliográfica é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos. Isto é, abre-se a possibilidade às fontes pesquisáveis para maior aprofundamento das discussões a serem levadas. Em outras palavras, é um tipo de estudo que pode ser fundamentada a partir de livros, jornais, revistas, artigos, teses, dissertações etc.

REFERENCIAL TEÓRICO

Por muito tempo, a literatura brasileira esteve aprisionada a visão eurocêntrica do indígena selvagem, primitivo, e sem a mínima condição de agregar símbolos a terra que vivia. Sobre este aspecto, Graça Graúna (2013), ao fazer uma

leitura quanto à imagem dos povos indígenas na literatura e na cultura brasileira, afirma que “o preconceito literário contra os povos indígenas tem alimentado o imaginário e interesse de gerações e gerações da sociedade dominante que queria ver [e quer ver ainda] com seus próprios olhos o povo estranho (GRAÚNA, 2013, p.44)”. É interessante notar que os povos originários são retratados aos olhos dessa tradição literária eurocêntrica como sujeitos sem consciência de si, do seu espaço ou qualquer ideia de pertencimento.

Apesar da lei nº 11.645/08, referente a obrigatoriedade da história e cultura afro-brasileira e indígena no currículo escolar, a cultura e história dos nativos são ensinados aos alunos de maneira descontextualizada, e ainda, apegada a uma caracterização genérica dos povos indígenas, excluindo a diversidade cultural existente entre essas sociedades.

Isto posto, percebemos que “o estudo da literatura indígena conduz a uma reflexão sobre o outro, o diferente, e sua inclusão/exclusão na sociedade contemporânea, no espaço urbano e na produção literária global e local” (THIÉL, 2012, p. 15). Assim sendo, a leitura de autores indígenas possibilita o processo de descolonização do currículo escolar impregnado pela herança cultural eurocêntrica. Por sua vez, o contato com a literatura indígena em sala de aula, proporciona a ampliação de horizontes dos alunos a respeito de saberes milenares subjugados pelo domínio do colonizador branco. Além de apresentar um universo multicultural, cuja produção literária dos povos nativos insere a memória, a dança, o grafismo, canto, englobando manifestações culturais que transcendem o texto escrito. A literatura indígena é uma voz de alegria, dor, combate, mas também, complexidade estético-imagética.

Como vemos, como sugere Janice Thiél (2012) ao afirmar que, a leitura dos textos produzidos pelos representantes das nações indígenas exige um desprendimento para outras tradições literárias, visto que o caráter multimodal dos discursos expostos nos escritos demandará visões complexas do mundo, devido o caráter híbrido derivado da oralidade e escrita. Segundo Janice Thiél (2012), a literatura de autoria indígena são poéticas que se baseiam na confluência entre letra/oralidade. Convocamos por meio da proposta sugerida uma possível passagem para a desconstrução dos rótulos de assujeitamento impostos por aqueles que reduziram o indígena ao outro/diferente. A respeito do roteiro proposto, usaremos a leitura de

poemas de autores indígenas para estabelecer o diálogo entre os leitores e a visão de mundo dos povos originários.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Como se vê, o processo simbólico da leitura desafia os leitores para revisarem seus conhecimentos prévios convidando-o para os caminhos da interpretação. Desta forma, a leitura dos textos dos povos originários se dará “na interação texto-leitor, o que significa que o sentido se concretiza em um entrelaçamento cultural (THIÉL, 2012, p.75)”.

Escolhemos os poemas “Fora do Tempo”, de Renata Tupinambá, e “Tempo Quebrado”, de Kanátyo Pataxó, para trabalhar com uma turma do 3º ano do Ensino Médio na qual pretendemos estabelecer diálogo com a linguagem do grafismo. Ao escolhermos os textos poéticos priorizamos aqueles que oferecessem ao leitor uma visão de mundo diferente daquela narrada pelo colonizador, no nosso caso, resolvemos apresentar a definição de tempo de alguns povos originários (Tupinambás e Pataxós)..

Foto 1:



Foto 2:



Fonte: Google, 2021.

Pretendemos aplicar nossa proposta em 04 (aulas). Nesse caso, tentaremos realizar um primeiro contato com a literatura indígena, considerando a participação do grafismo como uma expressão da organização dos saberes das nações além do texto escrito. Iniciaremos, com a apresentação dos grafismos para motivarmos os alunos para o texto poético.

A seguir, o passo-a-passo de nossa proposta:

Primeiro, ao observarmos a arte indígena nas imagens com os alunos, estimularemos as reflexões com alguns questionamentos. Tais como: O que você vê de si nessas imagens? O que cada traço representaria? Quais as cores mais que predominam, e por quê? O objetivo de tais perguntas é avaliar o contexto de saber dos ouvintes sobre a cultura das nações indígenas, e a partir de tais reflexões seguir para o que poderíamos chamar de “negociação de interpretações”. Explicaremos que assim como a voz do poema estabelece uma conexão entre o seu cotidiano com a natureza e seus elementos. O grafismo demarca a identidade de um povo, pois cada nação possui sua própria estética. E explicando que cada grafismo pintado no corpo simboliza, um rito de passagem, a hierarquia das nações, e até fatos importantes sobre a origem daquela nação. Ademais, podemos aprender a falar e ler em uma nova língua com a linguagem significativa de cada traço.

Segundo, faremos a leitura compartilhada do poema, voltando aos trechos que descrevam a visão de mundo da voz dos versos, destacando a conexão da voz indígena com a natureza, e assim, permitindo que o aluno mobilize a abertura do “código do texto”. Ou seja, convidaremos de início a relação texto-leitor “para a construção de novas construções discursivas. Convocaremos perguntas do tipo: O que você sentiu durante a leitura do poema? Quais versos mais chamaram sua atenção? Esse recurso é rico, pois “só então pode-se experimentar novas construções discursivas e, finalmente, negociar interpretações decorrentes do diálogo entre o preexistente e o novo (THIÉL, 2012, p. 76)”.

Fora do Tempo – Renata Tupinambá

Atirei uma pedra em direção ao lar das águas.



Corri nas sombras das florestas por entre os feixes de luz da copa das árvores ancestrais.
Desci por caminhos ocultos na escuridão.

Em meus ouvidos apenas chegavam os sons da pedra,
o cair dos frutos maduros,
amanhecer das plantas e nascer dos pássaros.

Meu corpo tornou-se uma casca de semente brotando na terra,
minha pele una com o solo,
minha perna tronco e raízes.

Sou um pouco do fluxo dos rios com o sopro do ar e chamas do fogo.
Sou um canto fora do tempo na ausência de pensamento.
Meu ser uma flauta da selva tocada com gotas de chuva.

Realizado este introdutório diálogo aproximativo. Iremos inserir as possíveis identificações com o texto literário. Quanto mais compartilharmos as impressões surgidas durante a leitura, mas teremos noção dos pontos de vistas e dúvidas. Anotaremos na lousa as palavras que mais causaram aproximações com significantes do cotidiano do aluno (por exemplo, o tempo como demarcador para todas as atividades do dia, etc.). Porém, apresentando-os que os povos originários concebem o tempo como “descontínuo”, e associado a “um tempo vivido” em todas as fases da vida até a morte. Ou seja, os conhecimentos sobre o tempo não se separam da sociedade e da natureza. Sugerimos uma aproximação entre poesia e música, apresentando aos alunos canções sobre a temática tempo. E assim como a voz do verso, só existe sentido em observar o tempo se esse for o tempo das coisas, tempo dos animais, o tempo da natureza e o tempo das pessoas. Iremos retornar ao texto poético para discutir com os alunos sobre o que o poema e grafismos revelam sobre a cosmovisão indígena do tempo.

Um **terceiro** momento poderia ser a leitura compartilhada do próximo poema, “Tempo Quebrado”, de Kanátyo Pataxó:

Tempo Quebrado- Kanátyo Pataxó

O tempo foi quebrado,
Picado sem dó,
Como um nó
Que prende e amarra.
Ninguém tem mais tempo,
Pro seu tempo de vida,
O tempo se despedaçou. [...]
O tempo hoje vale dinheiro,
Mas como viverá o sabiá?

O seu tempo vale mais do que dinheiro,
Vale liberdade (...)

...

Dá sentido a sua vida
Com uma linda poesia.
Sabiá bico de osso,
O seu canto que eu ouço
Não tem preço,
A sua vida reconheço,
Por isso o meu tempo lhe ofereço
Pra voar, cantar e me alegrar.
Minha amiga sabiá
Tenho medo de lhe perder,
O que será eu e você
Sem o canto?

Nesse poema, o mediador poderá estimular pelo timbre e tons o que cada verbo poderá expressar. O exercício da leitura do texto poético possibilitará aos alunos sentirem as emoções impressas em cada verso lido. Isto é, a literatura indígena está aberta “às redes de relações”. O intuito é a aproximação dos alunos com o universo dos povos nativos. Assim, o texto literário propicia a escuta da voz daqueles que foram silenciados pelo imperialismo, e deste modo, realinhando os equívocos cristalizados na memória coletiva. Com esta breve proposta de abordagem introdutória da literatura indígena em sala de aula, visamos ampliar o horizonte de expectativas do aluno fazendo-o ressignificar a imagem dos povos originários. Contudo, compreendemos que a proposta poderá ser adaptada dependendo do contexto.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta proposta de abordagem didática para o ensino de literatura indígena em sala de aula é fruto da disciplina de pós-graduação em Letras, da Universidade Federal da Paraíba realizada em 2021, a partir da linha de pesquisa *Leituras Literárias*, ministrada pela Profa. Rinah Souto e Prof. Hélder Pinheiros. Nesta disciplina, fomos apresentadas as mais variadas representações discursivas, sociais e literárias construídas em torno da imagem do indígena na Literatura Brasileira. Sob a ótica de autores indígenas e não-indígenas percorremos caminhos que nos possibilitaram enxergar que a literatura indígena sempre existiu, que pulsa e se autentica como a existência da arte nativa para o mundo. Mas ela é uma entre as várias manifestações culturais dos povos originários.

O fato de termos optado por uma abordagem que enfatizasse a leitura de poemas e imagens (grafismos) em sala de aula, talvez tenha sido influenciada pela necessidade de incluir na leitura de mundo dos alunos a compreensão de povos nativos mais complexos e autênticos. No entanto, é interessante ressaltar que um dos maiores desafios foi perceber o quanto é difícil tratar de uma visão de mundo que se choca com uma memória coletiva tão cristalizada sobre os primeiros habitantes de nossa terra. Conseqüentemente, a leitura de textos literários e críticos provenientes de representantes dessas nações fez toda a diferença no início do processo de desconstrução individual, aproximação, identificação e leitura do outro. Isto posto, compreendemos que o maior objetivo desse roteiro proposto é sugerir “uma leitura das diferenças, pois o ato de conhecer o outro implica o ato de interiorizar a história, a auto-história, as nossas raízes (GRAUNA, 2013, p. 47).”

Além disso, aprendi a me relacionar com um novo modo de ressignificar o mundo. Os depoimentos de autores indígenas contemporâneos evocaram emoções em mim, talvez, adormecidas. Ao recorrer das falas pude sentir o clamor de vozes que sempre desejei ouvir. O quanto sou grato pela chance de ouvi-los. Aprendi que as linguagens dos povos nativos (cada nação fala sua própria língua), se entrelaça ao canto, ritos, sons e dança. Ou seja, a cosmovisão indígena é um entrelaçamento de elementos que se fundem para narrar o Universo, o nosso berço de origem.

Inicialmente, a fluidez dos textos me confundiu. Primeiramente, por romper com a estética “aprovada” pelo cânone literário. Mas ao apreciar cada verso, pude reconhecer e, me perder entre o som de vozes que saíam a cada leitura. As vozes dos versos soavam não apenas como clamores de resistência, sobrevivência e autenticidade. Porém, como formas possíveis de retratar os mais variados fatos, conjugadas a outros componentes que constituem o texto de autoria indígena como exposição de ideias e enfrentamento. Os textos mais significativos para mim foram aqueles que me conectaram ao mundo sinestésico e afetivo dos autores. Como por exemplo, “Pele Silenciosa, Pele Sonora: a literatura indígena em destaque” (2012), de Janice Thiél.

Como vemos, a literatura indígena rompe com estereótipos difundidos pelo olhar do colonizador, assumindo papel relevante tanto na posse do próprio discurso quanto em oferecer uma outra versão do povo nativo que se contraponha à imagem do índio genérico perpetuada ao longo dos séculos, numa espécie de

contradiscurso. Assim, a literatura indígena em sala de aula funciona como ferramenta de ampliação dos horizontes de leituras de mundo dos alunos, permitindo diálogo produtor de senso crítico e argumentativo. Na verdade, o maior desafio que o professor de Ensino Médio terá no trabalho de literatura indígena com alunos não-indígenas é a reavaliação dos parâmetros de que regem a interpretação e valorização dos textos literários (THIEL, 2012, p. 76).

REFERÊNCIAS

CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. **Vários Escritos**. 3 ed. São Paulo. Duas Cidades, 1995.

DOS SANTOS, Francisco Bezerra. **Leitura da Literatura Indígena na Sala de Aula: Contribuições para o ensino**. Revista Científica da FASETE. 2017.1. Disponível em: www.unirios.edu.br Acesso: 05 de janeiro de 2022

GRAÚNA, Graça. **Contrapontos da Literatura Indígena Contemporânea No Brasil**. Belo Horizonte. Mazza. 2013.

THIEL, Janice. **Pele silenciosa, pele sonora: a literatura indígena em destaque**. Belo Horizonte. Autêntica Editora. 2012.